



OCUPAÇÃO DOS ESCRAVOS E ESCRAVAS EM XIQUE-XIQUE NO SÉCULO XIX.

Taiane Dantas Martins¹
Raphael Rodrigues Vieira Filho²

Resumo: *O presente artigo faz parte de um projeto mais amplo desenvolvido no Mestrado em História Regional e Local que busca analisar aspectos da vida de escravos e escravas no sertão de Xique-Xique no século XIX. Aqui pretendemos discutir, utilizando inventários, as fichas de matrículas encontradas nestes e o censo de 1872, a ocupação dos escravos e escravas em Xique-Xique, buscando identificar quais as atividades desenvolvidas por estes, percebendo se há ou não uma grande variedade, bem como a frequência de cada uma delas, identificando inclusive se havia uma diferenciação de gênero na divisão do trabalho escravo em Xique-Xique.*

Palavras-chave: Trabalho Escravo; Escravos no Sertão Baiano; Xique-Xique.

O município de Xique-Xique³, que possui histórico de mais de três séculos de ocupação, foi até então pouco explorado, como a maior parte do sertão baiano, em pesquisas acadêmicas na área de História. Neste sentido, veio preencher importantes lacunas a tese defendida recentemente, por Ferreira (2008). Neste trabalho analisa, além de aspectos fundiários e das famílias da elite local, a vida de pessoas pobres e algumas trajetórias de libertos, assim como traça quadros e analisa aspectos da propriedade de escravos, mas da perspectiva do senhor, enquanto propriedade deste e como uma estratégia de enriquecimento e busca de estabilidade. Afirma: “À parte o desnível acentuado entre os patrimônios sertanejos, para ricos, remediados e mesmo pobres que tiveram algo a legar aos descendentes, poupar era investir em gados, escravos e terras – bens que transmitiam às famílias uma idéia de segurança” (FERREIRA, 2008, 169-170).

Já o trabalho aqui proposto, do qual faz parte este artigo que analisa as ocupações dos escravos através de 145 inventários, fichas de matrícula destes e do censo de 1872, foca estes últimos no município de Xique-Xique, que foi um porto fluvial de destaque, estrategicamente ocupado à época da colonização às margens do Rio São Francisco, cujo povoamento se iniciou na Ilha do Miradouro com a Fazenda Praia de Teobaldo José de Carvalho, sendo que em 1700 nasceu o arraial Xique-Xique, sendo ainda uma aldeia em 1732. Torna-se freguesia em 1714 (FERREIRA, 1998); foi denominado Vila em 1831 e município de Xique-Xique em 6 de julho de 1832. (MACHADO NETO, 1997, 42).

Vamos analisar inicialmente as matrículas de escravos, que, como sabemos, passaram a ser obrigatórias nos inventários ou qualquer documento de transferência de escravos após um

¹ Pedagoga, Especialista em História: cultura urbana e memória e Mestranda em História Regional e Local – UNEB. Bolsista da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. taiuibai@bol.com.br.

² Doutor em História pela PUCSP e Professor do Mestrado em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia e do Departamento de Educação Campus I Salvador. Orientador.

³ Cuja grafia no século XIX era Chique-Chique e cuja área corresponde em grande parte hoje à chamada Microrregião de Irecê.



prazo dado pela lei de 1871. Encontramos nos inventários de Xique-Xique a cópia de 14 dessas fichas. São documentos interessantes, pois são mais detalhados que os inventários na caracterização dos escravos, permitindo um número maior de inferências.

Falemos daquilo que é identificado nas fichas como profissão. Infelizmente algumas das fichas não foram preenchidas completamente, mas vamos aos números: Temos 73 escravos, dos quais 32 são homens e 41 mulheres. Dentre os 73 listados, para 22 não é dada a profissão, mas destes, 8 são crianças com menos de 12 anos, o que justifica tal omissão. As atividades listadas foram: lavoura, serviço doméstico, vaqueiro, costureira, cozinheira e lavadeira. Para algumas delas, o Gênero já está definido pelo nome, como é o caso de vaqueiro, que aparece apenas para Pedro, de 25 anos, filho de Ritta e que tinha mais dois irmãos na propriedade. A costureira é Vicência, de apenas 8 anos de idade. A lavadeira é Igenes, de 22 anos, filha de Isabel e as cozinheiras são Marianna, de 30, filha de Maria, 45, que vivia com ela na propriedade em 1872 juntamente com seus outros cinco filhos e três netos; Teodora, 30 e Damiana, 32. Todos os citados acima, com exceção dos cozinheiros são solitários em suas profissões nestas fichas que restaram. Os outros são do serviço de lavoura ou doméstico. Vamos a eles: 6 dos 48 listados são declarados como do serviço doméstico, dos quais 5 são mulheres. O único homem apontado como servidor doméstico é Eugenio de 38 anos, matriculado juntamente apenas com Vicência de 8 que seria costureira. 38 dos 48 listados são apontados como trabalhadores de lavoura, o serviço predominante que ocupava, portanto, quase 80% dos escravizados, sendo destes 18 mulheres e 20 homens, o que aponta para uma destacada predominância masculina visto que estes eram minoria, mas que não exclui uma significativa ocupação feminina com o trabalho da lavoura. O quadro das matrículas de escravos pode ser montado, portanto, da seguinte forma:

Tabela 1- Profissões de escravos e escravas de acordo com as fichas de matrículas.

Profissão	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Lavoura	20	52,6	18	47,4	39	76
Serviço doméstico	1	16,6	5	83,4	6	12
Vaqueiro	1	100	0	0	1	2
Costureira	0	100	1	0	1	2
Cozinheira	0	100	3	0	3	6
lavadeira	0	100	1	0	1	2

Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Seção Judiciário. Inventários.

A economia se mostrava bem diversificada em Xique-Xique, o que pode fundamentar a variedade de atividades apontadas pelas fontes utilizadas. A área pode ser dividida sem risco em pelo menos três, conforme o título do trabalho de Ferreira (2008) sugere: as vazantes, que seriam as áreas próximas ao Rio São Francisco, onde se praticava o comércio de forma mais intensiva que no restante do município, a pesca e a criação de gado; as caatingas, cujo povoamento se iniciou ainda na primeira metade do século XIX, áreas mais desprivilegiadas do ponto de vista do acesso à água, mas com fertilidade suficiente em grandes partes para a realização da agricultura e as serras, onde se explorou por parte do século XIX ouro e diamantes e em cujos vales se praticava a policultura e a manufatura de produtos. Ferreira explorou os aspectos econômicos de Xique-Xique no século XIX de forma bastante satisfatória. Vejamos:



[...] em meados do século XIX, o fumo era o primeiro gênero da agricultura do município de Xique-Xique. A estimativa era que dali exportava-se anualmente ao mercado não menos que sete mil arrobas de fumo, gênero possivelmente seguido pela farinha de mandioca, cuja exportação era estimada em até vinte mil quartas anualmente. A principal área de produção de fumo concentrava-se na serra do Assuruá, em locais como Gentio, São José e Brejos do Assuruá. Ali também era produzida muita farinha de mandioca além de milho de boa qualidade. (FERREIRA, 2008, p.89-90).

Em outro trecho comenta:

Os habitantes de Xique-Xique se vangloriavam com muita razão, conforme constatou o capitão Burton, de que sua terra era uma das mais ricas, senão a mais rica, das proximidades do rio: 'produz ouro e diamante, peixe e sal, e as carnaubeiras crescem formando vastas matas'. (FERREIRA, 2008, p. 96).

Com base em períodos já consagrados pela historiografia, dividimos para fins de análise dos cento e quarenta e cinco inventários encontrados para o século XIX escravista da seguinte forma: 1813-1832, a primeira data é representativa do inventário mais antigo encontrado para Xique-Xique e o segundo finaliza o período pré emancipação política local; 1832-1850, este delimita a emancipação até a Lei de Abolição do Tráfico; 1851-1871, da Abolição do Tráfico até a Lei Eusébio de Queirós, mais conhecida como Lei do Ventre Livre; e de 1872-1888, período em que vigorou a lei do Ventre Livre até a Abolição. Juntaremos, devido às semelhanças no aspecto da profissão, os dois primeiros períodos.

Anteriormente a 1850 nenhum escravo aparece com a caracterização da ocupação nos inventários. Para alguns deles, aqueles que não são a única propriedade dos inventariados, é possível, através da análise dos outros bens, fazer inferências acerca de sua ocupação. Vamos a alguns casos:

Cosme de 30 anos e Margarida de 35 eram escravos de José de Souza Almeida⁴ em 1813. Provavelmente Cosme pescava com a Canoa de José, trabalhava nas Salinas Pé do Morro e/ou lavrava terras, pois apesar do inventariante de seu proprietário não declará-las, este tinha um machado, uma enxada e uma foice e deveria usar de alguma forma estes instrumentos agrícolas. Margarida devia prestar serviços domésticos, talvez fazer trabalhos agrícolas ou ainda realizar outras atividades que não necessitam de bens imediatos como vender produtos ou prestar serviços a terceiros.

Joaquina⁵, 30, nação mina, poderia prestar serviços domésticos a seu proprietário, mas é mais provável que ela fosse também uma fonte de renda deste que possuía, além dela, apenas Teodoro de 5 anos, talvez seu filho, um cavalo, uma égua, um machado, uma foice e outros objetos de escasso valor.

⁴ APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Setor Judiciário. Inventários e Testamentos. Nº 07/3119/15, Inventário de José de Souza Almeida, Xique-Xique, 1813.

⁵ APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Setor Judiciário. Inventários e Testamentos. Nº 07/3119/14, Inventário de Francisco Pires Pedroso, Xique-Xique, 1815.



Os nove escravos de Atanásia⁶ deveriam ter alguma ocupação além de sua casa de farinha, apesar de que deles, apenas quatro eram adultos. Deviam cultivar terras, pois ela possuía dois machados, duas enxadas e duas foices. Certamente muitos dos escravizados anteriormente a 1850 trabalhavam em garimpos, pois na década de 1830 foram descobertos garimpos no município na serra do Assuruá de onde se extraía ouro e diamante. Alguns proprietários tinham ouro e escravos. Isabel⁷, por exemplo, além de seus escravos possuía apenas casas, jóias e objetos de prata e ouro. Este último apareceu com frequência nos inventários até 1850. Mas nesse período, outras atividades tiveram destaque na ocupação dos escravos, se considerarmos os bens de seus senhores. O primeiro é a produção de mandioca, pois 60% dos inventários desse período apresentavam casas de farinha. Este foi um produto largamente consumido no Brasil durante o período colonial conforme nos mostra Barickman (2003) em sua obra. As canoas, que dão indicativo da realização da pesca aparecem em 50% e as Salinas, apontando para a extração de sal, aparecem em 30%, enquanto o gado vacum aparece em 27% das propriedades.

Portanto, podemos inferir para o primeiro período, que vai até o final da década de 1849, além do trabalho com a agricultura e mineração, a produção de farinha e sal como atividades predominantes no trabalho dos escravos.

Para o período de 1850 a 1871 alguns elementos chamam atenção quando partimos aos bens deixados pelos proprietários para inquirirmos acerca da ocupação dos escravos. É o caso, por exemplo, da frequência de gado vacum nas propriedades inventariadas, associado, na maioria das vezes, a outros bens. Este, variando de algumas cabeças até dezenas ou centenas delas, aparecem em 64% dos inventários.

Vamos conhecer nesse sentido a propriedade onde viviam Antonio⁸, crioulo de 80 anos e doente; Raimundo, crioulo de cerca de 50; Auta, crioula de 80; Paulo, cabra, doente e muito velho; Isabel, crioula de 48; Ignácio, cabra de 30; Torcato, crioulo de 24; Malaquias, crioula de 20; Pedro, cabra de 18; Thomaz, crioulo de 6 e Miguel, crioulo de 5. São, portanto, 11 pessoas escravizadas, sendo sete homens e quatro mulheres, dos quais quase a metade já passou dos 45 anos e dois ainda são crianças. Nesta propriedade, pertencente a João Martins Santiago em 1863 havia oito instrumentos agrícolas dentre machados, enxadas e foices. Uma canoa grande uma pequena, que poderiam servir para a pesca ou transporte de pessoas e mercadorias. A Salina Barro Vermelho, onde certamente alguns deles extraíam sal. 300 cabeças de gado vacum, número incomum, visto que grande parte dos proprietários tinha apenas algumas cabeças. 37 unidades de gado cavalariço, entre éguas, poldros e cavalos; dois burros e um jumento. Currais de carnaúba, uma casa e cinco partes de terra na Fazenda Suacica, onde provavelmente ficava grande parte de seu gado, ou este todo em determinados períodos. Uma parte em uma casa na Vila. Uma casa coberta com palha com uma oficina de fazer farinha e terras na Fazenda da Prainha e nos Sítios do Canabrava, da Gameleira e do Curralinho, o que abre espaço para uma multiplicidade ou variedade de ocupações destes escravos que vão desde o trabalho doméstico, a agricultura, a pecuária, a extração de sal, a produção de farinha, a pesca, o transporte de

⁶ APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Setor Judiciário. Inventários e Testamentos. Nº 07/3119/12, Inventário de Atanásia Nonata de Jesus, Xique-Xique, 1822.

⁷ APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Setor Judiciário. Inventários e Testamentos. Nº 07/3119/06, Inventário de Isabel Maria da Cruz, Xique-Xique, 1832.

⁸ APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia. Setor Judiciário. Inventários e Testamentos. Nº 3/2941/1763/08. Inventário de João Martins Santiago, Xique-Xique, 1863.



mercadoria em burros ou canoas, isso sem falar dos trabalhos especializados como o realizado com madeira, construção, costura, fiação, comércio e outros. Esta propriedade é representativa, portanto, além do cuidado com o gado vacum que apareceu freqüentemente nesse período, da variedade de ocupações que podiam ser destinadas a um único escravo em cada propriedade. Pois, como afirma Schwartz (1888, 120) “Muito embora a indústria açucareira tenha caracterizado a formação inicial da economia brasileira, a escravidão acabou por revelar-se uma forma de trabalho adaptável a outras atividades agrícolas, bem como a cenários urbanos”.

O cuidado com os cavalos também deve ter ocupado muitos escravos em Xique-Xique no XIX, pois estes eram um meio de transporte muito utilizado e aparece, para o período que estamos discutindo, em quase 62% dos inventários. Em seguida vem os objetos de ouro, provavelmente como resultado do garimpo, que estão em mais de 40%. As casas de farinha são destaque também nesse período, caindo de 60 para 33%. Os instrumentos agrícolas aparecem em apenas 26%, fato que pode apontar para a descrição no censo como lavradores da maioria dos escravos em uma maneira de abarcar diversos trabalhos, como aquele de produção de farinha, sal, cuidado com o gado e outros nesta categoria. A existência de canoas cai de 50 para 22% e das Salinas de 30 para 15%.

Vamos agora aos inventários do último período que vai de 1872 a 1888: Para este o destaque é para o gado bovino que sobe de 64 para 86% das propriedades, os cavalos e éguas aparecem em 75% e os burros e jumentos em 60%. O ouro mantém os 40%, as casas de farinha caem para 40%. As salinas caem de 15 para 13% e as canoas para apenas 8%.

Nos inventários, na descrição dos escravos encontramos ocupação apenas para 23 deles, vamos ver o que os dados indicam, sendo que todos são posteriores à década de 1860.

Tabela 2 - Ocupação de escravos e escravas de acordo com os Inventários.

Profissão	Mulher	Homem	Total
Lavoura/roceiro	2	9	11
Serviço doméstico	5		5
Vaqueiro		2	2
Cozinheira	2		2
Costureira	2		2
Sapateiro		1	1
Todo serviço		1	1

Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Seção Judiciário. Inventários.

A lavoura predomina, é o que ocorre também nos anos finais da escravidão no Recôncavo Baiano, como nos mostra (FRAGA FILHO, 2006, 38) “[...] a grande maioria dos escravos estava empregada na lavoura, setor que tradicionalmente requeria grande número de cativos. Na nossa amostragem, esse setor chegava a concentrar 82,3% dos cativos”. Porém, este faz uma observação que acreditamos ser também pertinente aos escravos e escravas de Xique-Xique. Ele afirma: “[...] Possivelmente, muitos cativos que foram listados como trabalhadores da lavoura tivessem o domínio de algum ofício artesanal”. Acreditamos que escravos e escravas que foram listados no sertão ora estudado como lavradores, trabalhassem também com o trato com gado, com salinas, em casas de farinha, pescando, garimpando e realizando muitas outras atividades não caracterizadas em nossas fontes.



No censo de 1872 a situação é semelhante no que diz respeito à predominância do trabalho com a lavoura e o serviço doméstico, havendo apenas uma maior especialização com relação aos trabalhos vistos como masculinos, enquanto que para os femininos isso não ocorre. Refletimos, juntamente com (MATTOSO, 2003: 87-88) “[...] Pode-se falar de ofícios, de qualificação profissional, no caso do escravo? Naturalmente, pois, entre os nascidos no Brasil, alguns foram de fato submetidos a aprendizado” e o censo de 1872 faz essa diferenciação e aponta trabalhos qualificados para escravos. Os trabalhos femininos, que aparecem nos inventários como ocupações específicas a algumas escravas como lavadeira e cozinheira devem ter sido enquadrados no Censo como serviços domésticos. A predominância total é dos lavradores, com 81% dos trabalhadores com profissão declarada, sendo que mais de um terço desse exército é composto por mulheres. Estão seguidos com o segundo lugar sem ameaças pelo serviço doméstico que abarca quase 10% dos trabalhadores escravizados. Os trabalhos especializados, com exceção daquele realizado com a costura, são todos masculinos e abrangem o trabalho com madeiras, calçados, metais, criação, comércio e construção. Vejamos:

Tabela 3 - Profissão de escravos e escravas de acordo com o Censo de 1872.

Profissão	Mulheres	Homens	Total
lavradores	342	679	1.021
Serviço doméstico	125	36	161
em madeiras		19	19
Em edificações		16	16
Em calçados		15	15
comerciantes		12	12
criadores		8	8
Em metais		4	4
costureiros	2		2
Criados e jornaleiros		2	2
Sem profissão	100	84	184

Fonte: Censos de 1872 e 1890. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

O que esses dados indicam é que houve um progressivo número de escravos que lidavam com gado bovino e a diminuição proporcional daqueles que trabalhavam com produção de farinha, sal e pesca com utilização de canoas. Percebemos também uma predominância no trabalho com a agricultura associada a uma imensa e diversificada gama de atividades desenvolvidas pelos escravos e escravas em Xique-Xique que provavelmente associavam à agricultura, a produção de sal, farinha, tecidos, fumo, a pecuária, a pesca, o transporte de mercadorias com burros e canoas, o comércio, o trabalho doméstico, a costura e até a luta armada, visto que o município de Xique-Xique se encontrou em estado de sítio durante alguns anos no século XIX e certamente os escravos não estavam alheios a isso, mas isso já é uma outra história... Os dados também são representativos de aspectos da escravidão no sertão baiano⁹ no período em que estudamos: uma escravidão bastante diferenciada da estabelecida nas regiões açucareiras onde geralmente se tinha um quantitativo maior de escravos por propriedade, uma

⁹ Acerca de outras áreas do sertão baiano ver (NEVES, 1998, 2000, 2002, 2005); (PINHO, 2001); (PIRES, 2003); (NASCIMENTO, 2007).



grande quantidade de adultos e homens, senzalas e um relacionamento mais distante entre os proprietários e escravos, principalmente aqueles que trabalhavam na lavoura.

Um senhor de engenho não pegava na enxada para trabalhar com seus escravos, enquanto na região de Xique-Xique, no período estudado, a maioria dos proprietários de escravos certamente tinham que “botar a mão na massa”, visto que os bens que possuíam não lhes permitiriam ficar apenas administrando-os. Mas devemos sempre lembrar que “A relação entre senhores e escravos era, sem dúvida alguma, uma relação pessoal de dominação. Em grandes ou pequenas unidades de produção, em conjunturas de alta ou baixa, o poder senhorial se afirmava cotidianamente na relação com seus escravos” (LARA, 1998, 165).

Referências

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Elisângela Oliveira. **Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX.** Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FERREIRA, Jurandir Pires (org.). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1998.

FRAGA FILHO, Valter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1919).** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

LARA, Sílvia Hunold. **Campos da violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MACHADO NETO, Cassimiro. **Senhor do Bonfim e Bom Jesus de Chique-Chique** (História de Xique-Xique). Chique-Chique: Edição do Autor, 1999.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

NASCIMENTO, Washington Santos. Família escrava, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876-1888). **Afro-Ásia**, n.35, 2007, p.143-162.

NEVES, Eivaldo Fagundes. **Estrutura fundiária e dinâmica mercantil: Alto Sertão da Bahia séculos XVIII e XIX.** Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2005.

_____. **História Regional e Local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade.** Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; Salvador: Arcádia, 2002.

_____. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de História Regional e Local).** Feira de Santana: Editora da UEFS; Salvador: EDUFBA, 1998.



_____. Sampauleiros traficantes: comércio de escravos do Alto-Sertão da Bahia para o oeste cafeeiro paulista. **Afro-Ásia**, n. 24, 2000, p.97-128.

PINHO, José Ricardo Moreno. **Escravos, quilombolas ou meeiros?** Escravidão e cultura política no Médio São Francisco (1830-1888). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **O crime na cor:** escravos e forros no Alto Sertão da Bahia (1830-1888). São Paulo: Annablume / FAPESP, 2003.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos:** engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Referências